

Confiança do comércio cai 0,1 ponto

Índice medido teria, de março para abril, recuado para 96,7 pontos, o primeiro após sete meses

O Índice de Confiança do Comércio (Icom) teve ligeira queda de 0,1 ponto na passagem de março para abril, para 96,7 pontos, informou ontem a Fundação Getúlio Vargas (FGV). O resultado representa o primeiro recuo após sete meses seguidos de crescimentos. Em médias móveis trimestrais, o indicador aumentou 0,5 ponto, o oitavo avanço consecutivo.

“Depois de um período de alta consistente da confiança do comércio, a acomodação de abril parece refletir a incerteza em relação ao ritmo futuro da economia”, avaliou Rodolpho Tobler, coordenador da Son-

dagem do Comércio no Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV), em nota oficial.

Em abril, houve melhora em sete dos 13 segmentos pesquisados. O Índice de Situação Atual (ISA-COM) avançou 0,6 ponto, para 94,1 pontos, o maior patamar desde junho de 2014. Já o Índice de Expectativas (IE-COM) caiu 0,8 ponto, para 99,4 pontos. Como consequência, a diferença entre o ISA e o IE diminuiu para 5,3 pontos, a menor desde julho de 2015.

“A patinada das expectativas sugere que os empresários do comércio estão cau-

telosos em relação aos próximos meses, enquanto a quarta alta consecutiva do Índice de Situação Atual reforça a percepção de que a fase de recuperação das vendas persiste”, completou Tobler.

A coleta de dados para a edição de abril da Sondagem do Comércio foi realizada entre os dias 2 e 20 do mês e obteve informações de 1.131 empresas.

A FGV divulgou ontem também o Índice de Confiança da Construção (ICST), que caiu 0,1 ponto em abril ante março, alcançando 82,0 pontos. Pela métrica trimestral, o índice também variou negati-

vamente (-0,2 ponto), depois de oito meses consecutivos de alta.

A coordenadora de Projetos da Construção do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Ana Maria Castelo, afirmou que a incerteza do momento em que vive o país continua afetando o ânimo dos empresários do ramo. Ela também argumentou que a demanda e o crédito ainda dificultam a recuperação da atividade.

“Apesar disso, a percepção em relação à situação corrente dos negócios avançou. O destaque positivo veio

do aumento na intenção dos empresários em contratar”, ponderou.

O Índice da Situação Atual (ISA-CST) aumentou 0,3 ponto, atingindo 71,7 pontos, o maior nível desde junho de 2015 (74,2 pontos). A principal contribuição para esse movimento foi a percepção sobre a situação atual da carteira de contratos, que avançou 0,7 ponto, passando a 69,6 pontos. Mas a FGV destacou que esse indicador ainda está 17,6 pontos abaixo da média histórica.

Por outro lado, a FGV afirmou que a queda da confiança da construção no mês

está relacionada às perspectivas de curto prazo do setor. O Índice de Expectativas (IE-CST) recuou 0,5 ponto, atingindo 92,7 pontos. O indicador que mais impactou negativamente o IE foi o que mede a tendência dos negócios para os próximos seis meses, com queda de 1,0 ponto para 93,4 pontos.

Já o Nível de Utilização da Capacidade (Nuci) manteve-se estável em abril, em 65%. Em relação aos Nucs para mão de obra e de máquinas e equipamentos, as variações foram positivas: 0,1 e 0,4 ponto porcentual, respectivamente.

Confiança de empresas cresceu 2,9 pontos já no 1º trimestre

As empresas se mostraram mais confiantes em relação à economia no primeiro trimestre, mas, ao mesmo tempo, preocupadas com as demandas internas e externas, e com os fatores relacionados à liquidez. É o que mostra o Índice CFO (ICFO), pesquisa feita pela Saint Paul Escola de Negócios e Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibef) com 100 CFOs (sigla em inglês para diretores financeiros) de empresas que respondem por mais de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Segundo o levantamento, a confiança destes profissionais cresceu 2,9 pontos de janeiro a março, de 136,0 pontos no quarto trimestre de 2017 para 138,9 pontos. O Índice se estabeleceu dentro de uma escala de 20 a 180 pontos, sendo 100 a neutralidade dos CFOs.

Na mesma base de comparação, no entanto, as preocupações com as demandas interna e externa e com os fatores de liquidez responderam por 42% de

todas as preocupações inerentes às atividades das empresas consultadas e de seus executivos.

De acordo com o diretor acadêmico da Saint Paul Escola de Negócios, Adriano Mussa, a manutenção do otimismo dos diretores financeiros ao longo dos três primeiros meses deste ano decorre das percepções quanto ao mercado, que cresceram 5,2 pontos para 141,1 pontos ante 135,9 no trimestre anterior; das percepções quanto ao setor, que cresceram 2,2 pontos, atingindo o patamar de 137,4 pontos (ante 135,2 no trimestre prévio); e as percepções quanto à empresa, que aumentaram 1,3 ponto, chegando a 138,3 ante 137,0 no período anterior.

“As expectativas com relação à inflação e à taxa de juros mantêm o ritmo de queda, impulsioneadas pelo esforço promovido pelo Banco Central”, destacou Mussa. Ele acrescenta que as expectativas para o crescimento do PIB apresentaram uma nova

melhora na comparação com o trimestre anterior, partindo de 1,9% para 2,6%.

O executivo ressalta ainda que 70% dos respondentes projetam crescimento do PIB acima de 2%. “Além disso, chama a atenção o baixo nível de coeficiente de variação (CV) nas expectativas de crescimento do PIB. Isso indica uma maior homogeneidade das expectativas dos CFOs quando ao desempenho do PIB para os próximos 12 meses”, ponderou.

As expectativas para a Selic corroboram a tendência de queda na taxa de juros verificada ao longo dos últimos meses. E as expectativas para a taxa de câmbio permaneceram estáveis em R\$ 3,2 no primeiro trimestre de 2018. Após um período de muitas incertezas, a variação das respostas diminuiu, o que indica que as expectativas dos gestores estão mais alinhadas e apontam para um ritmo gradual de recuperação da atividade econômica.

Confiança do consumidor sobe e segue em nível muito baixo

O Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), medido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), subiu apenas 0,3% em abril em relação a março, ficando em 102,2 pontos. O aumento é fraco e ainda deixa o indicador abaixo da média histórica da pesquisa, que é de 107,9 pontos. Os dados foram divulgados ontem.

Para a CNI, o resultado de abril demonstra que a confiança do brasileiro ainda é insuficiente para reativar o consumo. “Há quase dois anos, o índice está oscilando em um patamar muito baixo. Com isso, as pessoas têm pouca disposição para fazer compras, o que limita o crescimento do consumo e da economia como um todo”, avalia o economista da CNI Marcelo Azevedo.

Segundo o estudo, o Inec está, desde junho de 2016, variando dentro da faixa de 100

e 105 pontos, com duas exceções, a última delas em setembro de 2017, quando o índice foi a 98,5 pontos. Nos meses seguintes, até abril de 2018, o índice mostra três variações mensais positivas e quatro negativas - e acumula alta de apenas 3,8% no período.

A leve recuperação registrada em abril, de acordo com a entidade, se deve a uma melhora nas expectativas do consumidor diante da inflação, do emprego e da renda pessoal nos próximos seis meses. “Os índices de expectativa de inflação, desemprego e própria renda registram crescimento de mais de 2% na comparação com março. Ou seja, revela que os consumidores esperam menor inflação e desemprego, e aumento de sua renda”, cita o levantamento.

Apesar disso, o componente que avalia a expectativa quanto ao endividamento piorou, com queda

de 3,4% em relação a edição anterior da pesquisa, indicando aumento das dívidas das famílias. O consumidor também vê uma piora na situação econômica, com recuos no índice de situação financeira e de compras de bens de uso doméstico de maior valor, como móveis e eletrodomésticos. Os recuos nesses índices foram de -0,8% e -0,4%, respectivamente.

A CNI explica que o Inec é um indicador que ajuda a antecipar variações na atividade econômica. “Consumidores pouco confiantes tendem a diminuir as compras. Com a redução do consumo, aumentam as dificuldades de recuperação da economia”, reforça.

O Inec é elaborado em parceria com o Ibope e esta edição do estudo ouviu 2.002 pessoas em 142 municípios entre 12 e 16 de abril.

BALANÇO PATRIMONIAL ENCERRADO EM 31/12/2017 (Em R\$ Mil)		DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO INTERMEDIÁRIO EM 31/12/2017		DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA EM 31/12/2017	
ATIVO CIRCULANTE Caixa e Bancos Contas a Receber Estoques Créditos Tributários ATIVO NÃO CIRCULANTE Empréstimos (Intercompany) Imobilizado Intangível TOTAL DO ATIVO		Receita Operacional Bruta Impostos e Deduções Sobre Vendas Receita Operacional Líquida Custo dos Produtos Vendidos Lucro Bruto Receitas (Despesas) Operacionais Despesas Gerais e Administrativas Resultado Financeiro Líquido Lucro Operacional Ebita Operacional Lucro antes do Imposto de Renda e da Contribuição Social Imposto de Renda e Contribuição Social Lucro Líquido do Exercício		Fluxo de caixa das atividades operacionais Das operações: Lucro líquido do exercício Ajustes de conciliação: Depreciação Amortização de ativos intangíveis Provisão para perda máquinas e equipamentos Provisões e benefícios a empregados Outras Provisões Lucro líquido do exercício ajustado Variações em ativos e passivos operacionais (Aumento) redução dos estoques Aumento (redução) das contas a receber (Aumento) redução de créditos fiscais (Aumento) redução de outros ativos Aumento (redução) de fornecedores Aumento (redução) dos impostos a recolher Aumento (redução) de outros passivos Caixa líquido proveniente das atividades operacionais Fluxo de caixa das atividades de financiamentos Aquisição de empréstimos e financiamentos Alteração de capital social Caixa líquido usado nas atividades de financiamentos Aumento (diminuição) do caixa e Equivalentes de caixa no exercício Caixa e equivalentes de caixa ao final do exercício Caixa e equivalentes de caixa ao início do exercício	
2017 11.354 2.815 275 8.247 17 155.283 2.366 151.684 1.233 166.637 2017 20.263 10.890 2.571 2.235 37 4.529 82.709 82.709 63.665 47.223 22.561 (6.120) 166.637		2017 291 (25) 266 5.025 5.291 (11.392) (11.370) (22) (6.101) (2.922) (6.101) (19) (6.120) DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES EM 31/12/2017 Capital Social Reserva de retenção de lucros Lucros acumulados Total Saldos em 31/12/2016 Aumento de Capital através da cisão 47.223 - - - Lucro líquido (prejuízo) do exercício de dez/2017 - - (6.120) (6.120) Destinações do resultado: Empréstimos Pessoas Ligadas - 22.561 - 22.561 Saldos em 31/12/2017 47.223 22.561 (6.120) 63.665		2017 291 (6.120) 3.018 136 25 1.976 (5.051) (6.015) (8.247) (52) (17) (152.917) 2.571 2.272 4.489 (157.915) 90.946 69.785 160.730 2.815 4.489 2.815	

Balanco Patrimonial - 31/12/2017		Passivo Circulante	
Ativo Circulante	31/12/2017	31/12/2017	31/12/2017
Caixa e equivalentes de caixa	85.667	Fornecedores	65.086
Adiantamentos a fornecedores	6.891	Salários e encargos	221.210
Despesas Antecipadas	106.112	Obrigações fiscais	10.930
Impostos a recuperar	20.438	Conta corrente Pessoas Ligadas	117.001
Partes relacionadas	5.020.197	Não Circulante	21.720.903
Não Circulante	58.868.805	Empréstimos Pessoas Ligadas	21.720.903
Investimentos	58.723.416	Patrimônio Líquido	41.972.982
Imobilizado	142.069	Capital social a Integralizar	(1.620)
Intangível	3.320	Capital Social	47.225.216
Total do ativo	64.108.111	Prejuízos acumulados	(5.250.614)
		Total do passivo	64.108.111

As Demonstrações financeiras foram elaboradas em conformidade com a Lei nº 6.404/76. As notas Explicativas na íntegra encontram-se na sede da Empresa. Luiz Eduardo Pereira de Lucena - Presidente do Conselho de Administração; Anderson Paulo Silva Santos - Contador - CRC RJ - 092589/O-8